

Em busca da coincidência: traços de responsabilidade enunciativa

In search of coincidence: traces of enunciative responsibility

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento *

RESUMO: Esta pesquisa investiga a responsabilidade enunciativa em monografias de conclusão de curso, focando como categoria de análise os fenômenos da modalização autonímica/as não-coincidências do dizer, a partir dos postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD). O *corpus* é constituído por 10 (dez) monografias de conclusão de curso de Letras. Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza descritiva e interpretativa, pois as não-coincidências do dizer são identificadas, descritas e interpretadas, seguindo uma abordagem de cunho quantitativo e qualitativo. A *não-coincidência entre as palavras e as coisas* e a *não-coincidência das palavras consigo mesmas* se constituem traços de responsabilidade enunciativa, tendo em vista que o sujeito enunciador busca restabelecer uma coincidência, no primeiro caso, entre a palavra – o simbólico – e o objeto de discurso – a realidade a ser nomeada, e, no segundo caso, entre uma palavra e outra palavra.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade enunciativa. Não-coincidências do dizer. Monografia de conclusão de curso. Construção de sentido.

ABSTRACT: This research investigates the enunciative responsibility in course conclusion monographs, focusing on the analytical category of autonomous modalization phenomena/non-coincidences of the saying, as from the Textual Analysis of Discourse postulates. The *corpus* consists of ten (10) monographs produced as texts for the conclusion of the Letras course. Methodologically, this is a descriptive and interpretative research in which the non-coincidences of the say are identified, described and interpreted by a quantitative and qualitative approach. The *non-coincidence between words and things* and the *non-coincidence of the words themselves* if constitute traces of enunciative responsibility, taking into account that the subject enunciator seeks to reestablish a coincidence, in the first case, between the word - the symbolic - and the object of discourse - the reality to be named, and, in the second case, between a word and another word.

KEYWORDS: Enunciative responsibility. Non-coincidences of the saying. Course conclusion monographs. Construction of meaning.

1. Introdução

A responsabilidade enunciativa pode ser marcada por um grande número de elementos linguísticos. Adam (2008), ao estabelecer a Análise Textual do Discurso (ATD), postulou oito categorias de análise desse aspecto discursivo-enunciativo, a saber, (i) os índices de pessoa; (ii) os dêiticos espaciais e temporais; (iii) os tempos verbais; (iv) as modalidades; (v) os diferentes

* Doutorando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ilderlandionascimento@yahoo.com.br

tipos de representação da fala; (vi) as indicações de quadros mediadores; (vii) os fenômenos de modalização autonímica; e (viii) as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos. Na trilha do viés teórico da ATD, a responsabilidade enunciativa, portanto, é um fenômeno que pode ser estudado sob o escopo de muitas categorias e marcas, o que demanda também o diálogo com muitas perspectivas teóricas, incluindo aí os enfoques textual, semântico-pragmático, discursivo e enunciativo.

As oito categorias elencadas por Adam (2008) advêm de perspectivas teóricas diversas entre si. A título de exemplo, citamos a categoria denominada *os diferentes tipos de representação da fala*, que encontra embasamento teórico em Bakhtin (1990; 2006) e em estudos de Maingueneau (2002; 2006). A categoria denominada *as indicações de quadros mediadores* tem como referente teórico principal os estudos de Guentchéva (1994; 1996) e Authier-Revuz (1998; 2004). Já a categoria *as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos* encontra respaldo nos estudos de Philippe (2001) e Bergounioux (2004). Quanto à categoria *os fenômenos de modalização autonímica*, que tomamos para análise neste estudo, está inscrita nos estudos enunciativos de Authier-Revuz (1998; 2004).

Levando em conta que Adam (2008), embora tenha sinalizado, não demonstrou como a reponsabilidade enunciativa se configura a partir da modalização autonímica, neste trabalho intentamos mostrar como a modalização autonímica, mais precisamente os casos de não-coincidência do dizer, marca a responsabilidade enunciativa em monografias de conclusão de Curso de Letras.

Authier-Revuz (1998; 2004) postulou quatro pontos de não-coincidência do dizer, a saber, (i) não-coincidência do discurso consigo mesmo; (ii) não-coincidência interlocutiva; (iii) não-coincidência entre as palavras e as coisas; e (iv) não-coincidência das palavras consigo mesmas. No presente estudo, focaremos em duas das quatro não-coincidências, quais sejam, a *não-coincidência entre as palavras e as coisas* e a *não-coincidência das palavras consigo mesmas*. Assim, identificaremos e descreveremos as formas linguísticas dessas não-coincidências do dizer e discutiremos seus efeitos para a construção dos sentidos do texto monográfico, focalizando, principalmente, a responsabilidade enunciativa.

Como pressuposto, entendemos que nos pontos de não-coincidência entre as palavras e as coisas e de não-coincidência das palavras consigo mesmas, o sujeito enunciador busca restabelecer uma coincidência entre a palavra e o objeto de discurso, entre a palavra e a palavra. Tais não-coincidências destacadas surgem como pontos de ilusão, como fraturas discursivas

marcadas pela ausência da completude, e sinaliza para a imperfeição entre as palavras e os objetos do discurso, entre as palavras e as outras palavras. Nos pontos de não-coincidências, portanto, emergem os traços instauradores da responsabilidade enunciativa, levando em conta a busca do sujeito enunciador pela completude do sentido, pela exclusão de equívocos e pela relação perfeita entre a palavra (o simbólico) e o objeto (o real a ser nomeado pela palavra).

Antes de nos debruçar sobre os achados desta pesquisa, convém discutir algumas noções importantes, como a noção de responsabilidade enunciativa, na perspectiva da ATD, e a noção de não-coincidência do dizer, a partir dos estudos da linguista Jaqueline Authier-Revuz.

2. A responsabilidade enunciativa na perspectiva da ATD

ATD surge para responder a questões não alcançadas pelas teorias existentes no campo dos estudos do discurso e do texto. Essa visão é apresentada por Adam (2008) na introdução de sua obra *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos* e tem como fio condutor uma “teoria da produção co(n)textual de sentidos, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (ADAM, 2008, p. 23).

A proposta de Adam (2008) tem como ponto central analisar textualmente os discursos, isso porque os discursos (orais e escritos) materializam-se nos mais diversos gêneros textuais. Na perspectiva desse autor, o pesquisador pode trabalhar com os dois planos: o plano linguístico (como propõem a Linguística Textual) e o plano dos discursos (como propõe a Análise do Discurso). Esses dois planos são articulados, fazendo com que a abordagem de análise da ATD abarque a complexidade do texto/discurso.

Adam (2008) aborda a responsabilidade enunciativa em dois momentos de sua obra. No primeiro momento, a responsabilidade enunciativa é entendida como sendo uma dimensão indispensável da unidade textual elementar (ADAM, 2008, p. 115-122). No segundo, ela é abordada quanto aos marcadores de responsabilidade enunciativa (ADAM, 2008, p. 186-189). Diante disso, é possível constatar uma atenção significativa dada por Adam (2008) a essa categoria em relação às demais. Ela é entendida como indispensável à unidade elementar, à proposição-enunciado, o que podemos entender como constitutiva da produção de sentido do texto/discurso.

Em linhas gerais, a responsabilidade enunciativa pode ser abordada a partir de questões como: quem assume a responsabilidade dos enunciados?; a quem os enunciados/pontos de vista são atribuídos?; que marcas linguísticas são mobilizadas para marcar a (não) assunção dos

enunciados?; como os locutores se posicionam diante dos enunciados de outrem?. Questões como essas, e outras, trazem à baila essa importante categoria da ATD.

Ao propor a categoria da responsabilidade enunciativa, Adam (2008) postula que as ações, as representações discursivas são pontos de vista. Conforme o autor, as ações relatadas são ligadas entre si pelo ponto de vista (PdV). Um PdV é, geralmente, marcado por introdutores. Ele mostra que existem variados recursos linguísticos que funcionam na atribuição de enunciados a outros e, também, recursos que servem para assinalar que o locutor-enunciador assume a responsabilidade pelo ponto de vista enunciado.

As ocorrências de não-coincidências do dizer constituem recursos que marcam uma tomada de posição, um ponto de vista enunciativo, um movimento instaurador da responsabilidade enunciativa. As duas não-coincidências estudadas a seguir revelam movimentos enunciativos de busca pela coincidência entre a palavra e o objeto, entre a palavra e a palavra.

2.1 As não-coincidências do dizer

Ao comentar a categoria *os fenômenos de modalização autonímica*, Adam (2008, p. 120) diz que “todo enunciado metaenunciativo que, num debruçar-se reflexivo do dito sobre o dizer, manifesta a não-transparência e a não-evidência das palavras. Simples *aspas* ou *itálico* podem indicar essa alteridade.” Essa leitura é feita a partir dos trabalhos da linguista Authier-Revuz. Nos estudos dessa autora, constatamos alguns mecanismos ou expressões denominadas de *controle-regulagem do processo de comunicação*. Essas expressões assinalam um fragmento como ponto de *heterogeneidade*. Cabe lembrar que, em outros textos, essas expressões ou formas são denominadas pela autora de *formas de modalização autonímica* e, mais precisamente, de *as não-coincidências do dizer*.

Ocorre a modalização autonímica quando a enunciação desdobra-se como um comentário de si mesma. Imaginemos a enunciação sendo objeto da própria enunciação e teremos a configuração enunciativa desse fenômeno. Authier-Revuz (1998) utiliza a expressão *reflexividade metaenunciativa* para designar o acontecimento em que, durante o ato enunciativo, o sujeito “reflete” acerca do próprio uso que faz da linguagem no próprio momento de usá-la.

Ao conceituar esse fenômeno, a autora explica que as NCD são um tipo especial de heterogeneidade enunciativa construída a partir da modalização autonímica (estratégia de

modalizar um enunciado por meio de uma glosa, podendo comentar, avaliar, descrever etc. o seu próprio enunciado). Authier-Revuz (1998; 2004) diz ainda que elas se realizam em um movimento de *laçada reflexiva* – movimento de modalizar um signo com valor autonímico – em que o enunciado torna-se objeto da própria enunciação.

Authier-Revuz (1998; 2004) lista quatro tipos ou pontos de NCD: (i) pontos de não-coincidências do discurso consigo mesmo; (ii) pontos de não coincidência interlocutiva; (iii) pontos de não-coincidências entre as palavras e as coisas; e (iv) pontos de não-coincidências das palavras com elas mesmas. As categorias (i) e (ii) têm como base o dialogismo bakhtiniano e a interdiscursividade de Pêcheux; já as categorias (iii) e (iv) têm como base o discurso teórico da psicanálise freudo-lacaniana. Cabe dizer que as quatro categorias enunciativas possuem vários formatos linguísticos e se desdobram em subcategorias diversas, além de apresentarem diversas funções discursivas na construção de sentidos do texto. Com isso, considerando os objetivos deste trabalho, apresentaremos as duas categorias que serão retomadas nas análises.

2.1.1 A não-coincidência entre as palavras e as coisas

Authier-Revuz (1998; 2004) explica a não-coincidência entre as palavras e as coisas a partir da teoria lacaniana do *real*, *imaginário* e *simbólico*, mais precisamente a partir da relação entre o real e a linguagem que nomeia esse real. As “coisas” são colocadas como objeto-real a nomear e as palavras como sistema simbólico significante. A língua, portanto, é vista como o instrumento utilizado para nomear, “capturar”, o real. No entanto, a nomeação ou captura do real pela palavra não é possível, porque o real é, em sua essência, radicalmente heterogêneo à ordem simbólica (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Essa categoria, portanto, trata da manifestação dessa não-coincidência entre a palavra (ordem simbólica) e as coisas que ela designa, nomeia, captura (o real). Essa relação entre palavras e realidade é tida como falha, considerando que o sujeito é constitutivamente falho. Authier-Revuz (1998) explica esse aspecto nas seguintes palavras:

A falta (constitutiva do sujeito como falho) de ‘captura do objeto pela letra’, que desemboca na ‘perda’ inerente à linguagem, à que respondem, sob modos opostos, a escritura – que habita essa separação – e a produção de mitos consoladores – línguas ‘perfeitas’ diversas, que recusam a separação. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23-24).

Conforme esse enunciado, existe uma falta na captura do objeto pela língua, ou seja, as coisas não são ‘capturadas’ na sua complexidade pela língua, desembocando na ‘perda’ que é inerente à linguagem. É nesse aspecto que Fonseca (2007) entende a tríade lacaniana *Real-Simbólico-imaginário* nos estudos de Authier-Revuz, tendo em vista a estreita relação com a linguagem e, principalmente, porque a língua é a estrutura simbólica por excelência utilizada para representar o real.

Ao discutir essa relação entre real e linguagem, Fonseca (2007, p. 120) compreende que “[...] o real é o impossível da linguagem, mas o sujeito pretende representá-lo e imagina que alcança sua tarefa, senão não haveria discurso, não haveria o que ser dito”. O sujeito, no entanto, tenta sempre alcançar, nomear, esse real. Nesse esforço, o texto manifesta fenômenos que expressam a não-coincidência entre as palavras e as coisas.

Nos estudos de Authier-Revuz (1998 e 2004), constatamos aquilo que ela chama de figuras que, pontualmente, marcam a falta no dizer. Ela apresenta três tipos, a saber: 1. *Figuras do Um realizado na nomeação* (exemplo: X, eu digo bem X’; ousou dizer X; o que se pode dizer/chamar X; o que é preciso chamar X); 1.1 consciência da palavra com a coisa (exemplo: X, é a palavra (exata, justa,...); X, no sentido estrito; X, propriamente dito); 2. *Figuras da adequação pretendida* (exemplo: o que se poderia chamar X; não digo X, mas Y); 2.1 indecisão/dúvida entre duas palavras (exemplo: X, eu falho dizendo Y; X, eu deveria dizer Y; X, ou antes Y; X, não, Y; X ou Y); 3. *Figuras da falta da nomeação*: 3.1 modalidades suspensivas (exemplo: X, se se pode dizer); 3.2 Modalidades anuladoras (exemplo: eu não direi X); 3.3 modalidades reveladoras de imperfeição (exemplo: X, na falta de algo melhor; X, por comodidade; X, provisoriamente; X, por assim dizer; X, é um eufemismo; X, entre aspas).

Destacamos brevemente as *figuras da adequação pretendida* e as *modalidades reveladoras de imperfeição*. No primeiro, temos, conforme Authier-Revuz (2004), casos em que um dizer é efetuado e depois é substituído por um outro dizer diferente do primeiro. Essa configuração da nomeação possibilita enxergar pontos difíceis de nomeação, ou que suscitam conflitos para o enunciador. As figuras da adequação pretendida são pontos em que o enunciador trabalha com a linguagem para *nomear o real*.

Já as *modalidades reveladoras de imperfeição* que fazem parte das figuras da falta de nomeação, conforme Authier-Revuz (2004), correspondem aos casos em que a palavra se apresenta como imperfeita, inadequada para nomear o objeto de discurso. Em outras palavras,

é como se o enunciador explicitasse no discurso que as palavras que usa para dizer não são *justas*, não dizem *perfeitamente* o que ele queria dizer.

Esses tipos de figura dão lugar a uma separação no dizer, representam a procura da “palavra certa”, plenamente adequada à coisa, ao real (AUTHIER-REVUZ, 2004). Conforme Authier-Revuz (1998), a não-coincidência entre as palavras e as coisas são pontos do discurso em que, na escritura, ‘habita’ a falta da captura do real pela linguagem é, em outros termos, um espaço de equívoco.

2.1.2 A não-coincidência das palavras consigo mesmas

Ao explicar a não-coincidência das palavras consigo mesmas, Authier-Revuz (1998; 2004) mostra que estas remetem a fenômenos que são próprios do sistema linguístico. Entre eles é citado a polissemia, a homonímia e o trocadilho. Ademais, os pontos de não-coincidências das palavras consigo mesmas ocorrem em “glosas que fazem jogar em X os outros sentidos, as outras palavras da polissemia, da homonímia, dos trocadilhos” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 190). Além disso, conforme interpreta Fonseca (2007), essa categoria é definida com base no conceito de *lalangue* e analisada pela perspectiva linguístico-psicanalítica.

Ocorre a não-coincidência das palavras com elas mesmas em pontos que designam como uma recusa ou, ao contrário, como uma aceitação dos fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho etc. Os casos de recusa são entendidos como a especificação de um sentido e a recusa de outros. Já os casos de aceitação são vistos como a integração ao sentido dos fatos citados anteriormente (de homonímia, de trocadilho, de polissemia etc.).

Authier-Revuz (1998; 2004) descreve, ainda, formas que testemunham o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras, esses se apresentam em quatro tipos, a saber: 1. *Fixação de Um sentido* (exemplo: X, no sentido de p; X, não no sentido de q; X, sem jogo de palavra); 2. *Encontro com o não-UM* (exemplo: eu falho dizendo X; X, se ousar dizer); 3. *Sentido estendido do não-Um* (exemplo: X, também no sentido de q; X, no sentido p e no sentido q; X, em todos os sentidos da palavra); 4. *Reafirmação do não-Um* (exemplo: X, é o caso de dizer; X, é a palavra!; X, numa palavra ambígua).

Dessas marcas que assinalam a não-coincidência das palavras consigo mesmas, destacamos o primeiro tipo, *fixação de um sentido*, em que ocorre, como se percebe, a operação de fixação ou de redução de sentido, atestando a realidade enunciativa do não-um do sentido.

Nesse caso, o auto/enunciador do enunciado trabalha para especificar sentidos, isolando-os de outros. Nas palavras de Authier-Revuz (1998), esse tipo de fixação ocorre quando um termo tem seu sentido fixado em relação *aos outros* (polissemia) ou às outras palavras (homonímia, paronímia). Para a autora citada,

[...] ao ‘assumir o esforço’ de especificar desta maneira o sentido de um elemento X, o enunciador dá testemunho da potencialidade de um sentido outro que ele ‘encontra’ não ‘na língua’, mas nas palavras aqui e agora, *em contexto*, e do qual deve *proteger* ativamente seu dizer. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.31 grifos da autora).

Como se percebe, o enunciador, ao fixar um sentido, está protegendo seu dizer de cair na polissemia, nos muitos sentidos que cada palavra pode adquirir. Assim, trabalhar com a fixação de um sentido é reconhecer a realidade enunciativa do *não-um* do sentido, sendo que a operação de fixação trabalha para especificar *um* sentido.

No segundo tipo, *encontro com o não-um*, ocorre um modo de dizer partilhado, dividido pelo encontro com o não-um. Já no terceiro tipo, temos de forma explícita o sentido de um elemento X como desdobrado no não-um, jogando para esse elemento X uma pluralidade de sentidos. Por último, no quarto tipo, *reafirmação do não-Um*, ocorre um fortalecimento de um dizer, endereçando sua palavra ao interlocutor, o qual é convocado a participar do enunciado, produzindo, desse modo, um sentido compartilhado.

Por fim, ao testemunhar a presença da polissemia e da homonímia, o locutor enunciador tenta estabelecer a unidade, ou seja, tenta estabelecer um sentido entre vários outros possíveis, e para isso tenta anular o *equivoco* e a *falta* por meio de relações dialógicas, instaurando uma não-coincidência das palavras consigo mesmas.

3. Em busca da coincidência: traços de responsabilidade enunciativa

O *corpus* analisado nesta pesquisa é constituído por 10 (dez) monografias produzidas por estudantes do curso de Letras da universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente do *Campus* Avançado Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM. Como critério de seleção, utilizamos os seguintes procedimentos: primeiro, colhemos as monografias que foram escritas por estudantes da habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas; segundo, selecionamos apenas aquelas monografias produzidas como

trabalho de conclusão de Curso no semestre letivo de 2009.2; terceiro, selecionamos as monografias que tiveram melhores conceitos/notas.

A análise do *corpus* constata que a não-coincidência entre as palavras e as coisas ocorre por meio de *figuras de adequação pretendida ou visada* e de *modalidades reveladoras de imperfeição*. Já a não-coincidência entre as palavras consigo mesmas ocorre unicamente por meio do movimento enunciativo denominado *fixação de Um sentido*. A seguir, analisaremos fragmentos do *corpus* que exemplificam a ocorrência de ambas as NCD.

(i) A não-coincidência entre as palavras e as coisas

Figuras da adequação pretendida

O conto vai além do que quer contar, ou melhor, não se limita a dizer em escassas linhas. É preciso mergulhar além da história, aparentemente medíocre que boia na superfície narrativa que o conto encerra [...]. (M10, p. 21)

Na ocorrência em questão, o estudante faz uma afirmação acerca do *conto*, de início, ele diz que *O conto vai além do que quer contar*. No entanto, o estudante percebe que essa definição não é suficiente para abarcar a complexidade da natureza “do objeto/tema do discurso” (o conto). Desse modo, ele recorre a uma figura de *adequação pretendida*, a saber, **ou melhor**, *do que se limita a dizer em escassas linhas*. A expressão linguística em destaque (ou melhor) é uma tentativa de conceituar, de definir o *conto* (real a ser nomeado).

O enunciado, em direção ao objeto do discurso (o conto), realiza-se em duas etapas hierarquizadas. Na primeira etapa temos: *o conto vai além do que quer contar*. E, na segunda etapa, que se caracteriza como um modo de dizer mais preferível, por ser uma *melhor* maneira de dizer o objeto, temos: *o conto não se limita a dizer em escassas linhas*. Cabe dizer que a segunda etapa não exclui a primeira, mas, sem dúvidas, apresenta-se como uma alternativa de significação mais condizente com o objeto. Além disso, a segunda etapa apresenta uma característica de complementaridade de sentido da primeira.

Constatamos nessa ocorrência um esforço do estudante em dizer, em definir e explicar a noção de *conto*. Diante da complexidade do real a ser nomeado pela linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 25), o estudante empreende esforços que visam a “captura do objeto pela letra”. Mesmo sendo uma tentativa frustrada, o fato é que ele utiliza mecanismos linguísticos

que evidenciam essa tentativa de captura, mostrando-se empenhado em adequar a linguagem ao objeto real.

Esse movimento enunciativo-discurso configura-se um traço da responsabilidade enunciativa no gênero monografia de conclusão de curso, tendo em vista que é o estudante quem entra no mundo dos sentidos, buscando esclarecer, melhorar, lapidar conceitos e ideias acerca de determinado objeto, o conto, no caso. Cabe ressaltar, portanto, o trabalho com os sentidos, com o ponto de vista exposto, não sendo esse atribuído a nenhuma outra fonte do saber. O enunciador se apresenta como responsável pelo dizer, levando em conta que a responsabilidade enunciativa consiste “na assunção” ou “na atribuição” de alguns enunciados ou pontos de vistas (ADAM, 2008).

Além da figura da adequação pretendida, constatamos também a ocorrência de fenômenos de *modalidades reveladoras de imperfeição* como formas linguísticas da não-coincidência entre as palavras e as coisas.

Modalidades reveladoras de imperfeição

[...] a linguagem literária é distinta da linguagem cotidiana, pois no primeiro caso o tratamento dado a linguagem, que tende a ser mais elaborada, confere ao texto, o *status* da obra de arte, enquanto que o segundo caso não há um trabalho especial na elaboração da linguagem, uma vez que se tem em vista é a “transmissão” de uma “informação”. (M07, p. 15)

Na ocorrência acima, constatamos uma não-coincidência entre as palavras e as coisas marcada por uma *modalidade reveladora de imperfeição*, mais precisamente o enunciador mobiliza aspas nas palavras *transmissão* e *informação*, causando um *desdobramento* metonímico desses termos.

Ao discorrer acerca da diferença entre a linguagem literária e a linguagem do cotidiano, o estudante diz que essa última não recebe um trabalho especial. Ao apresentar características da linguagem cotidiana, o estudante coloca entre aspas duas palavras que marcariam a função dessa linguagem (*transmitir* e *informação*). No entanto, é possível ver que tais palavras têm seus sentidos *suspensos* pela autonímica, pelo uso das aspas, porque o estudante percebe que *transmissão* e *informação* não são termos que abarcam a complexidade e os múltiplos usos e funções da linguagem. É, portanto, uma modalidade reveladora de imperfeição, ou seja, a noção real do que significa a *linguagem cotidiana* não é *perfeitamente* representada/significada/definida pelos termos entre aspas utilizados no enunciado em questão.

Provavelmente, nesse caso específico, o uso das aspas tenha sido motivado pelo atravessamento de discursos que corroboram o fato de que a linguagem não serve apenas para transmitir informações, mas para persuadir, enganar, impor, dominar, construir etc. Teorias discursivas e pragmáticas criticam a visão reducionista que concebe a linguagem como simples veículo de transmissão de informação. E o autor da monografia em análise, sem sobras de dúvidas, teve acesso a essas leituras durante a graduação, em disciplinas como Análise do Discurso, Pragmática, Sociolinguística etc.

Convém reiterar que a responsabilidade enunciativa é marcada por meio da modalidade reveladora de imperfeição. Acerca do uso das aspas, são pertinentes os comentários de Authier-Revuz (2004, p. 219 grifos da autora) quando diz: “O distanciamento pontual das aspas requer, supõe que, de modo global, uma atitude metalinguística de desdobramento do locutor ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por *um comentário crítico*, no próprio curso de sua produção”. Relacionando esses dizeres com a ocorrência em análise, a utilização das aspas em duas palavras que conceituam a linguagem cotidiana produz uma espécie de comentário crítico do próprio uso de tais palavras.

Conforme Authier-Revuz (2004, p. 219), “essa atitude manifesta uma aptidão: ela coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza”. No nosso caso, o uso das aspas evidencia uma *aptidão* por parte do estudante em assumir uma posição de juiz de suas próprias palavras. E é nesse aspecto que a responsabilidade enunciativa se materializa, ou seja, temos nessa ocorrência uma assunção da responsabilidade enunciativa por parte do estudante.

O movimento do enunciador, portanto, em mobilizar recursos tipográficos para manter suas palavras sob vigilância, mantendo termos à distância, marcando, também, um comentário crítico no próprio curso de sua produção, assinala um enunciador dono de um querer dizer. Como sentinela vigiando o palácio do rei, assim se coloca o enunciador diante de sua produção, mantendo, por meio das aspas, uma certa distância em relação a sua própria escrita, podendo, assim, avaliá-la, criticá-la, marcá-la quando percebe que a mesma não nomeia o real de forma completa.

(ii) A não-coincidência entre as palavras consigo mesmas

A análise revelou, conforme já informamos, a ocorrência da não-coincidência entre as palavras consigo mesmas por meio do movimento enunciativo denominado *fixação de Um sentido*. Os fragmentos a seguir exemplificam esse movimento na construção da responsabilidade enunciativa.

Fixação de Um sentido

[...] a produção de texto corresponde a ensinar o aluno a desenvolver seu texto de acordo com um esquema abstrato, ou mais precisamente, conduzi-lo ao domínio de uma sequência tipológica, como descrição, narração e dissertação. (M02, p. 26).

Ao discorrer acerca da produção de texto, o estudante afirma que *a produção de texto corresponde a ensinar o aluno a desenvolver seu texto de acordo com um esquema abstrato*. Ao notar uma imprecisão em seu dizer, configurando aquilo que Authier-Revuz (1998, p. 195) denomina de “o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras”, o estudante faz uma espécie de *laçada reflexiva*, tentando fixar *Um sentido* em meio ao domínio da polissemia. Temos então: ***ou mais precisamente, conduzi-lo ao domínio de uma sequência tipológica, como descrição, narração e dissertação***. A expressão *ou mais precisamente* faz com que o enunciado dito anteriormente seja retomado e tenha o seu sentido mais especificado, mais detalhado, sendo que as informações acrescentadas visam precisar e detalhar mais o sentido desse enunciado.

Essa não-coincidência ocorre devido aos vários sentidos possíveis das palavras, necessitando do enunciador um movimento de especificação e delimitação de sentidos na construção do texto. Como se percebe, esse movimento revela um traço da responsabilidade enunciativa nos textos analisados. Ou melhor, o estudante constrói um enunciado, especificando sentidos, detalhando, agindo reflexivamente sobre ele, voltando-se sobre suas próprias palavras.

Vejamos mais um caso com essa não-coincidência do dizer.

O sucesso do Realismo, então, se deu pelas influências intelectuais que designam a reação contra o egocentrismo romântico e contra as suas falsas idealizações da paixão amorosa. Esta escola intenta um crescente respeito pelo fato empiricamente averiguado, e pelo progresso técnico, o que significa dizer que a passagem do Romantismo para o Realismo corresponde uma mudança do belo e ideal para o real e belo. (M03, p. 29)

Neste outro caso, o estudante apresenta uma discussão acerca do *Realismo*, a partir da seguinte afirmação: *Esta escola intenta um crescente respeito pelo fato empiricamente averiguado, e pelo progresso técnico*. Após fazer essa afirmação, o estudante, como que reconhecendo que não disse de maneira significativa, volta-se sobre suas próprias palavras e diz: *o que significa dizer que a passagem do Romantismo para o Realismo corresponde uma mudança do belo e ideal para o real e belo*. A expressão *o que significa dizer* compreende um movimento sobre o próprio dizer. É um desdobramento do dizer, ou uma volta sobre o dito na busca por esclarecer determinado sentido. Em outras palavras, é a tentativa de estabelecer *Um sentido* para o texto.

Percebemos que essa ocorrência mostra que o estudante está em vigilância e em diálogo com o interlocutor. É como se o estudante antecipasse possíveis questionamentos como: *o que isso significa? O que você quer dizer? Em que sentido você diz isso?* Percebendo um possível *equivoco*, o estudante procura fixar *Um sentido* em meio a muitos outros.

Assim, os sentidos do texto monográfico são construídos no movimento de busca por nomear o real, e no movimento de percepção de que a palavra, em muitos casos, não é precisa, tendo em vista que os sentidos resvalam, são movediços. Essa natureza dos sentidos e da linguagem faz com que o enunciador se volte sobre o seu próprio dizer, numa aptidão para especificar *Um sentido* e, assim, construir uma unidade de sentido para o texto.

Em todos os casos analisados, constatamos traços de responsabilidade enunciativa que se materializa a partir de elementos linguísticos presentes na construção de sentidos do texto monográfico. Portanto, a análise empreendida permite afirmar que os pontos de não-coincidências entre as palavras e as coisas, bem como os pontos de não-coincidências entre as palavras e elas mesmas, configuram-se traços de responsabilidade enunciativa, tendo em vista a busca do sujeito-enunciador pela coincidência, pela completude do dizer. Ou melhor, são pontos em que o sujeito-enunciador se movimenta nas brechas, nas falhas, nos equívocos que marcam sua enunciação.

4. Considerações finais

Este trabalho objetivou analisar traços de responsabilidade enunciativa em monografias de conclusão de curso, a partir das não-coincidências do dizer. Os casos de não-coincidências entre as palavras e as coisas e de não-coincidências das palavras consigo mesmas mostram o movimento do estudante/enunciador no processo de construção da responsabilidade

enunciativa. Nesse processo, ele utiliza recursos linguístico-enunciativos que o faz pensar, criticar, avaliar seu próprio dizer, procurando especificar sentidos para o texto, diante da polissemia e da complexidade do real.

Os sentidos do texto monográfico são construídos na busca complexa por nomear o real pelo simbólico, na busca pela palavra certa, adequada, na tentativa de sanar o equívoco sempre presente na linguagem. Portanto, imerso na linguagem e nos sentidos, o enunciador reflete sobre seu próprio dizer, numa aptidão para especificar o *Um sentido* e, assim, construir uma unidade temática para texto, sem ambiguidade, sem equívocos.

Cabe ressaltar, por fim, que este trabalho, ao tomar duas das não-coincidências do dizer como categoria de análise da responsabilidade enunciativa, não abarca todas as possibilidades que são passíveis de estudo. A responsabilidade enunciativa, sendo um fenômeno que pode ser manifestado por meio de vários elementos linguísticos, encontra nas não-coincidências do dizer um traço de sua materialização.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Ed. da UNICAMP. 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

ADAM, J. M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Leurquin. Revisão Técnica: Luis Passeggi e João Gomes das S. Neto. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERGOUNIOUX, G. **Le moyen de parler**. Paris, Verdier, 2004.

FONSECA, C. M. V. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito**: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará/UFC, 2007.

GUENTCHÉVA, Z. (Org.). Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps français. **Langue française**, Paris: Larousse, n. 102, 1994, p. 8-23.

_____. **L'énonciation médiatisée**. Louvain/Paris: Peeters, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2002.

PHILIPPE, G. Le paradoxe énonciatif endophasique et ses premières solutions fictionnelles. **Langue française**. Paris, Larousse, n. 132, 2001, p. 96-105.

Artigo recebido em: 15.01.2017

Artigo aprovado em: 18.04.2017